TEATRO DE RAUL BRANDÃO

ATLÂNTIDA
COIMBRA

TEATRO
DE RAÚL BRANDÃO

UP000003525
BIBLIOTECA DA FAC. DE LETRAS
OSÓRIO MATEUS
UNIVERSIDADE DE LISBOA

1970
ATLANTIDA EDITORA
COIMBRA

ORTOGRAFIA ACTUALIZADA
POR SANTOS SIMÕES

Capa de TOSSAN

EDIÇÃO DA ATLANTIDA

EU SOU UM HOMEM DE BEM

(Entra um pouco exaltado. Acende a electricidade, pousa o chapéu e atira com as luvas para o lado).

Tens-me seguido sempre. Desde que parei diante da vitrine do Leitão joalheiro, nunca mais me largaste. Fingi que te não via — mas ao fitar aquelas jóias, dum brilho duro e magnético, olhei de soslaio e lá estavas presente. Que diabo queres tu afinal? Não me largas. Não falas. És um espectro. Chegas a fazer-me rir. Senta-te. Eu sou um homem de bem. Se pertences à polícia, podes rebuscar toda a minha vida. Não tenho escaninhos nem segredos. Confio-te os meus livros, o *Razão* e o *Caixa*. Senta-te. Toda a cidade me conhece... Bebi talvez de mais neste jantar que os meus amigos me ofereceram — trinta anos de trabalho e probidade impõem — e tu aproveitaste a ocasião... Vamos, senta-te e fala. Hás-de acabar por falar! Eu sou um homem honesto — não preciso de fantasmas na minha vida. Eu sou um homem de bem. Tu ris-te?! Isso é demais, tu excedes-te! Não contente com teres usurpado a minha figura e talvez o meu nome; não contente em te teres agregado a mim como uma sombra e em te instalares sem mais nem menos na minha própria casa — tu ris-te quando eu digo que sou um homem de bem?! *(Irrita-se.)* — De quem é que tu te ris afinal? *(Faz um esforço, serena e muda de tom.)* — Lá me ia exal-

tando contigo, que não existes. Porque tu, eu sei-o perfeitamente, tu não existes. Copiaste a minha fisionomia, imitaste o meu andar, vestiste no meu alfaiate, mas na realidade, apuradas as contas, és uma sombra que se vai dissipar como o fumo do meu cigarro. Estás diante dos meus olhos e não tens realidade nenhuma; vejo-te perfeitamente e nasceste talvez do último copo de champanhe que bebi ou és um produto da má digestão da «mayonnaise» que me faz sempre mal... Anh, não te decides a falar?... Convém-me a esta hora dois dedos de cavaco, antes de me meter em vale de lençóis. Palavra, assim mudo e solene, fazes-me o efeito dos espectros antigos, que vinham sentar-se à beira dos homens, em ocasiões fatais! Chamar-te-ás o Remorso? Serás tu a Consciência com um C grande? Palavras enormes que não tem nada que fazer na minha vida, repito-te. Escusas de olhar para mim com essa insistência. Isso não to admito! Tolero-te tudo: que me persigas, que uses o mesmo talhe de cabelo que eu uso, que estejas calado quando te intimo a falar — tudo! (*Exaltado.*) Agora que duvides da minha honra, da minha probidade, depois de trinta anos de vida que toda a gente conhece, isso não! Isso nunca! Nunca, ouviste?! Não te admito esse olhar nem esse riso de escárnio!... Sou o que se chama um homem de bem, posso gabar-me disso. (*Pausa*).

Eu bem sei ao que te queres referir; na realidade entendo-te à légua, como me entendo a mim mesmo. Transigências?... Mas transigências todos as têm, todos. Também dizes que fui duro. Fui duro, endureci o coração para triunfar. Mas qual o fim da vida, senão enriquecer? Isso não tira de ser um homem honesto. Acaba! acaba por despejar o saco! Mais

fundo queres perguntar-me — e não te atreves — em que consiste a minha honestidade. Em cumprir o meu dever e esse, podes dizer o que quiseres, cumpri-o sempre. A honestidade diante de quem? Diante de Deus ou diante dos outros? a interior ou a exterior? Talvez na tua opinião valha melhor ser pobre e simples, ser um sonhador desconhecido? Nesse caso podes acusar toda a gente. Se estivessem aqui vinte, trinta, cem, duas mil pessoas e eu as pusesse frente a frente com a sua própria consciência, com o que há de mais secreto em cada consciência: — E tu? e tu? olhem todos para mim, olhem-me direito nos olhos:—A honestidade interior ou exterior?... — Há-os que depravam as próprias mulheres, há-os que vivem de uma primitiva infâmia. É outra vida ao lado da vida, é a vida secreta e horrível que se esconde e deve esconder, e de que todos nós desviamos o olhar porque nos mete medo. Isto não tira nem põe. São pequenas coisas. O que é preciso é cumprir sempre os grandes deveres, e esses cumpri-os, como paguei sempre as minhas letras. Sustentei meus pais até à morte. Repeli, é certo, a mão que se me estendia e desviei os olhos daqueles olhos fitos nos meus que pediam socorro e ternura. Pequenas coisas... (*mais baixo*) que talvez sejam as maiores da vida. Já sei, já percebo: o que tu admiras é a piedade, o amor, o sonho. Meu amigo, és um poeta e queres que eu também o seja!... É mais que a esmola, a maneira como se dá a esmola. Querias então que eu fosse santo, anh? Querias que me despisse para vestir os outros? Que não calcasse e me deixasse calcar? Não tive bondade?... Um crime? (*Ri-se.*) Se te parece arrasta-me agora ao banco dos réus. Eu sou um homem honesto. Pode-se ser um homem honesto e praticarem-se muitos crimes, os pio-